

Como os Mitos Informam a Percepção Humana da Realidade

Milton L. Torres ¹

O livro de Serra contém dois ensaios: o primeiro (“Arqueologia do símbolo”) é uma discussão da estrutura do símbolo e dos mitos no horizonte da cultura helênica; o segundo (“Tempo afora: estudo de antropologia infernal”), mais próximo do título da obra, aborda o tema das *catábases*, isto é, das viagens aos infernos, estes definidos como “o mundo dos mortos”. O autor tem certa dificuldade em articular os dois temas e, exceto pela metodologia e pelo pano de fundo antropológico e helenista, o resultado é que este parece mesmo tratar de assuntos para os quais não consegue estabelecer uma ligação evidente. Daí uma das principais deficiências da obra: a falta de uma conclusão. Apesar disso, Serra oferece uma série de reflexões provocativas acerca da maneira como os mitos da Antigüidade e a literatura com eles relacionada podem informar nossa concepção da realidade.

A metodologia empregada pelo autor nos dois ensaios é a da exemplificação e análise literária aplicadas às questões antropológicas e etnológicas, tendo como ponto de partida o universo greco-romano, no primeiro ensaio, e o Renascimento, no segundo. Sua premissa é que as respostas imaginárias dadas pelas diferentes culturas podem contribuir para uma melhor compreensão da percepção que a humanidade tem das fronteiras da vida. No caso do primeiro ensaio, Serra lida com o universo familiar dos poemas homéricos e hesiódicos, dos diálogos platônicos e do drama grego, com ocasional recurso a Foucault e à etnografia, sempre preocupado com os aspectos simbólicos dos ritos hospedais (dentro do arcabouço das práticas de *xenia* e *potlatch*) e nupciais. Sua tese, aí, é que “o uso do enigma nos ritos e mitos evoca, freqüentemente, a problemática do conúbio, as vicissitudes da distinção e da união sexual de homem e mulher” (p. 58). No segundo ensaio, contudo, o

¹ Milton L. Torres é doutorando em Arqueologia Clássica pela Universidade do Texas, professor de Arqueologia no Seminário Adventista de Teologia e professor de Educação e Comunicação na Faculdade Adventista de Educação do Nordeste.

recurso à literatura extrapola os limites helenistas da epopéia, do drama e da filosofia, e envolve outros campos literários e epistemológicos, incluindo referências às obras de Hawthorne, Irving, os irmãos Grimm, Gautier Map, Borges, Santayana, Milorad Pávich, Schelling, Lévi-Strauss e Lewis Carrol, entre outros. O principal objetivo do segundo ensaio é analisar os aspectos liminares da morte e do sono sob a perspectiva proposta por Schelling segundo a qual a *Divina comédia* teria sido um elemento norteador no “delineamento de uma problemática definida pela convergência crítica de questões fundamentais sobre a *identidade*, o *tempo* e a *comunicação*” (p. 128) no que estas diriam respeito à filosofia e à antropologia. Serra é relativamente bem sucedido em sua empreitada, embora alguém pudesse esperar mais antropologia em meio ao abundante uso que o autor faz das fontes literárias. Também pode causar estranheza o papel de destaque que atribui ao romance *Dicionário Kazar*, de Pávich, cuja proeminência, no ensaio, só cede lugar à do épico dantesco, mas que não goza, absolutamente, da mesma popularidade em outros círculos.

O livro tem formato apropriado e sua diagramação é atraente, contudo a quantidade de incorreções e descuidos editoriais chega a ser incômoda. Com efeito, a primeira palavra da obra (*porquê*) é grafada incorretamente (p. 7), erro repetido na página seguinte. A isso se seguem erros de concordância nominal (p. 44, 56, 69, 73, 98, 122, 164, 167) e barbarismos ortográficos (como *engimático* por *enigmático* na p. 169). Essa dificuldade aparece principalmente na grafia das palavras estrangeiras: *irredeamable*, em vez de *irredeemable* (p. 11), *Zálmóxis* aparece, desnecessariamente, com dois acentos (p. 96), *through* é grafado *thorough* (p. 152), *don't* aparece como *dont*, *couldn't* como *could'nt* e *isn't* como *is'nt* (p. 157). Entre as palavras da língua portuguesa várias têm acentuação incorreta: *juizes* (p. 18), *o tempo para*, em vez de *o tempo pára* (p. 94), *outrém* (p. 146), *judaíco* (p. 172). O erro mais comum é a insistência em acentuar os verbos da terceira conjugação quando acompanhados de ênclise: *reduzí-los* e *dividí-los* (p. 30), *defini-lo* (p. 38) e *perseguí-las* (p. 56). O erro mais grave é grafar consistentemente o termo *potlatch* como se fosse *potlacht* (p. 47, 55, 84). O descuido é indesculpável uma vez que o termo é muito comum nas discussões antropológicas dos ritos hospedais e nupciais, tema principal do primeiro ensaio e tema incidental do segundo.

Além da falta de uma tentativa de conclusão à obra, uma outra grande deficiência está no referenciamento bibliográfico. O texto tem sua origem em um curso oferecido pelo autor, em 1990, na Universidade Federal da Bahia (cf. p. 11). A bibliografia já aparentemente defasada na época do curso parece ter sofrido atualização mínima para o livro. Um exemplo banal disso ocorre quando Serra menciona o cinema como possível fonte para o estudo das possibilidades advindas com o “congelamento de pessoas para posterior reanimação” (p. 76) e chega a mencionar algumas produções mais antigas, mas omite o caso mais recente do filme *Vanilla Sky*. Talvez fosse tarde demais para isso, uma vez que o filme foi lançado em dezembro de 2001 (numa adaptação do filme *Abre los Ojos*, de Alejandro Amenábar, lançado em 1997), mas alguns exemplos clássicos também estão faltando. No caso da literatura, Serra poderia ter mencionado o caso de Ulisses e sua permanência na ilha de Circe e na caverna insular de Calipso quando trata “de lugares onde a existência é subtraída ao fluir do tempo” (p. 77), mas é uma pena que não o faça. Circe foi, afinal de contas, quem admoestou Ulisses a empreender sua *catábasis* (Canto X da *Odisseia*) e Calipso o manteve em um lugar onde o fluxo do tempo se dava de modo excepcional (Canto V da *Odisseia*). Além disso, os nomes dos autores consultados apresentam discrepâncias ocasionais (por exemplo: Nmuendaju, p. 162, ou Nimuendaju, p. 170?). Para piorar, algumas obras citadas nos rodapés e no corpo do segundo ensaio simplesmente não aparecem na bibliografia: Cunha 1978 (nota 19), Laraia 1967 (nota 27), por exemplo. O estilo de Serra peca, ainda, por sua insistência em parágrafos excessivamente curtos que, muitas vezes, produzem uma certa fragmentação do fluxo dissertativo à moda de solavancos inesperados.

Apesar de suas limitações, a obra é admirável por causa do profundo conhecimento que o autor demonstra em relação aos temas tratados bem como sua riqueza vocabular e força expressiva. Além disso, Serra surpreende o leitor com a facilidade com que usa tanto o tratamento alegórico quanto o estudo tautegórico dos mitos, com nítida preferência pela segunda modalidade (cf. p. 126ss). O autor consegue, ainda, fazer emergir questões decisivas para as chamadas ciências humanas, sugerindo relevantes *insights* para temas tão profundos quanto o da etnogonia e o da percepção dos limites cognitivos e existenciais da humanidade, incluindo a concepção que esta tem da morte.